

O FUTURO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

José Luiz da Veiga MERCER
Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

Introdução

A expressão verbal do futuro nas línguas românicas se dá por formas que, em larga medida, remontam aos moldes latinos. O latim clássico tinha duas formas indicativas de futuro, uma imperfeita e outra perfeita, que se traduzem em português pelo futuro do presente e pelo futuro composto, respectivamente. Eram construções sintéticas, apoiadas em sufixos, que já no latim vulgar seriam substituídas paulatinamente por formas analíticas, constituídas por um verbo principal e um auxiliar.

O futuro imperfeito tinha contra si alguns fatos, a começar pela falta de unidade nas desinências. Enquanto a primeira e a segunda conjugações faziam o futuro com *-bi* (*amabo, amabis; delebo, delebis*), a terceira e a quarta utilizavam o sufixo *-e* (*legam, leges; capiam, capies*). Ademais, esta segunda desinência produzia coincidência de forma da primeira pessoa com o presente do subjuntivo (*legam*). A evolução fonética ampliaria os casos de confusão: *amabit* com *amarit*, *dices*, *dicit* com *dicis*, *dicit*. A coincidência de formas alcançava também o futuro perfeito, que era igual ao perfeito do subjuntivo, salvo na primeira pessoa.

O futuro imperfeito enfrentava ainda a concorrência do presente do indicativo e de perífrases verbais, fato que se explica pelo próprio conteúdo semântico do futuro, que pode comportar a idéia de intenção, plano ou compromisso manifestos no presente. O uso do presente pelo futuro se registra em textos de cunho popular e se amplia nos escritos cristãos. As perífrases eram de dois tipos: o primeiro consistia em associar *sum* como auxiliar ao principal no particípio futuro (*amaturus sum*) ou no gerundivo (*baptizandi sunt*); o segundo era dado pelo principal

no infinitivo, acompanhado por *habeo*, *volo/voleo*, *debeo* ou *venio*. Esta segunda modalidade tinha na origem claro cunho modal: por exemplo, *scribere habeo* em Cícero se traduz por “tenho que escrever”. Mas já em Santo Agostinho se encontra ocorrência da perífrase em que *habeo* está esvaziado do sentido de obrigação: “*tempestas illa tollere habet totam paleam de area*”.

No processo de formação do futuro românico, uma das perífrases se impôs às demais. Prevaleceu *habeo*, salvo no romeno e, parcialmente, no dalmático, que optaram por *volo*, do sardo, em que concorrem *habeo* e *debeo*, e da maioria das variedades reto-românicas. No curso da gramaticalização da locução com *habeo*, o auxiliar perde sua autonomia, soldando-se ao verbo principal. O registro mais antigo da forma aglutinada é datado de 613: “— et ille respondebat: non dabo.— Iustinianus dicebat: daras.”

Vidos entende que a ampla disseminação do novo futuro sintético pelo mundo românico não se deveu apenas à origem latina comum das línguas em que se implantou, mas também à influência cultural que sobre elas exercearam o francês e o provençal durante a Idade Média.

O futuro perfeito se perdeu muito cedo, tendo sobrevivido apenas nas margens da România: em português e espanhol, na função de “futuro do subjuntivo”, e no dalmático, em que substituiu o futuro imperfeito, o que não era raro no baixo latim.

O latim não dispunha de forma própria para o “condicional” (futuro do pretérito). Essa função era preenchida pelo mais-que-perfeito do subjuntivo, que em latim vulgar passou a ter a concorrência de uma construção perífrástica paralela à do futuro, constituída do infinitivo do verbo principal mais *habebam*. Essa locução também entrou em processo de gramaticalização, produzindo o condicional dos romanços da Ibéria e das Gálias.

1. Panorama românico

Os romanços da Península Ibérica desenvolveram duas perifrases com *habeo* mais infinitivo, segundo as duas ordens já utilizadas na fase pré-românica: infinitivo + *habeo (cantarei)* e *habeo + de + infinitivo (hei de cantar)*. A primeira impôs-se como variante canônica, tendo para isso contado provavelmente com a preferência dos meios mais cultivados. A segunda, que jamais foi rival de peso, de maneira geral declina desde o Renascimento em português e espanhol, para praticamente extinguir-se, como expressão de futuridade, no século XIX.

A transformação da construção infinitivo + *habeo* no futuro sintético não se operou de maneira uniforme em todos os contextos e em todas as variedades. Prova disso é a *tmese* (mesóclise), que permaneceu em português mas não em castelhano, em que desaparece no século XVII. Mesmo no português medieval, a *tmese* conviveu com variantes sintéticas consumadas, de que são exemplos formas como “*darei-te*”.

A partir dos séculos XV e XVI, veio juntar-se nova perífrase de infinitivo, tendo como auxiliar *ir*. Em galego, português e leonês, na forma de *ir + infinitivo (vou cantar)*, em espanhol de *ir + a + infinitivo (voy a cantar)*. A nova variante - provavelmente uma derivação semântica da construção em que o verbo *ir* de fato exprime deslocamento no espaço - indica fato que se dá como de ocorrência certa e imediata, porque está na dependência apenas da intenção do falante, *eu* ou *nós*. Logo a forma se difunde pelas demais pessoas, ao mesmo tempo em que se reduz o conteúdo modal de certeza, começando a sua gramaticalização. A implementação dessa perífrase avança mais rapidamente na América do que na Europa, em situações antes coloquiais do que formais.

A nova perífrase de futuro não se desenvolveu em catalão, e por um bom motivo. É que aí a construção *anar* + infinitivo surge no fim da Idade Média com valor de pretérito, vindo a constituir o chamado *passat perifràstic*. Por influência do castelhano, usa-se uma que outra vez uma perífrase de futuro com a preposição *a* de permeio: *anar a cantar*. Quando se considera a terceira pessoa – *va a cantar* –, logo se percebe o risco de

confusão com o *passat perifrásic* – *va cantar*, o que acaba rechaçando o castelhanismo em favor do futuro sintético.

Praticamente extinto em espanhol, o futuro do subjuntivo comporta-se em português como simples variante do presente do subjuntivo, sem apontar exatamente para um futuro, mas para um *irrealis*.

No francês contemporâneo, o futuro pode ser expresso pelo futuro sintético (*je chanterai*), pela perífrase *aller* + infinitivo (*je vais chanter*) e, como nas demais línguas neolatinas, pelo presente (*je chante*). O futuro sintético estava estabelecido em francês já no século IX (Sermens de Strasbourg) e se supõe que, na altura dos séculos XIII e XIV, já circulassem em alguns meios duas perífrases para o futuro: com o verbo *avoir* (*j'ai à écrire une lettre*) e com o verbo *aller* (*je vais écrire une lettre*); das duas, apenas a segunda permaneceu como variante efetiva de futuro, tendo se disseminado na fala coloquial no século XV ou XVI. Os primeiros registros escritos datam dos séculos XVI e XVII.

Como acontece em português e espanhol, a perífrase avança sobre o domínio do futuro sintético, que perde terreno e vai se restringindo às situações de formalidade. O que é marcante no caso do francês é o estágio avançado em que está o processo de gramaticalização dessa perífrase, que, segundo Vetters e Lière, já satisfaz cinco critérios de gramaticalização propostos pela literatura: unidade auxiliar-auxiliado; dessemantização; transparência do auxiliado; conjugação restrita do auxiliar; mudança semântica. Esses pesquisadores concordam com Co Vet, que deu a perífrase por integrada no sistema verbal do francês.

Perífrase análoga desenvolveu-se no occitano: *vau cantar*.

Quanto ao futuro, as línguas neolatinas da Península Itálica formam dois blocos, separados por uma linha que passa por Viterbo, Perúgia e Ancona. Ao norte, ocorrem formas sintéticas que provêm da perífrase infinitivo mais *habeo*; ao sul é praticamente inexistente, sendo substituído em largas áreas pelo presente, como no calabrês (*lu fazzu crai* “eu o faço amanhã”). Sobrevivem na porção meridional construções analíticas do tipo *cantare habeo* ou *habeo ad cantare*; a primeira é condicionada a situações

em que o presente geraria ambiguidade, ao passo que a segunda ainda guarda o sentido de necessidade.

Em italiano, o futuro sintético não sofre concorrência direta. As perifrases que mais se aproximam da esfera da futuridade são *stare + per + infinitivo* (*sto per scrivere la lettera*), que exprime fato a dar-se de imediato, e *andare + a + infinitivo*, que, segundo Luisa Amenta e Erling Strudsholm, compõem três construções distintas: a) *andare* lexical (verbo pleno: *vado a dormire*); b) *andare* em perífrase “resolutiva” (*andare a capire* “chegar a compreender”); c) “síntagma polirremático”, isto é, verbo complexo (*andare a finire* “acabar”). Esses autores, no entanto, registram no italiano regional ocorrências em que a perífrase com *andare* admite sujeito inanimado ou ausência de deslocamento, estando assim dessemantizado (*l'amico va a morire*).

Em corso o futuro sintético tem a concorrência de uma perífrase formada por *avè + da + infinitivo* (*aghju da fà*, “vou fazer”).

Como já mencionado, o sardo tem dois futuros, ambos analíticos: um com *aere* (haver) + *a* + infinitivo, e outro com *devere* + infinitivo: *apo a kantare, depo kantare*. O primeiro é a forma canônica, ao passo que o segundo é empregado para indicar dúvida ou incerteza. A estrutura com *aere* corresponde ao molde *habeo ad cantare*, que, como já visto, foi igualmente produtivo no sul da Itália e na França, e conserva o sentido deôntico em leonês: *han a facer* “hão de fazer”.

Para exprimir o futuro, o romeno não dispõe de forma sintética, mas sim de quatro formas analíticas, todas igualmente frequentes: duas com auxiliar seguido de infinitivo e duas com o subjuntivo. O primeiro tipo é dado pelo auxiliar *a vrea* (*querer*) seguido do infinitivo sem a partícula introdutiva *a*: por exemplo, *voi veni* (*virei*). Nesta construção, própria à norma culta, o auxiliar sofre redução de forma em todas as pessoas, com a exceção da sexta. Embora menos corrente, a posposição do auxiliar é possível: *veni-voi*. Em qualquer caso, o clítico precede o auxiliar: *le vom vizita; vizita-le-vom* (*nós os visitaremos*).

O segundo tipo com auxiliar é uma variante do anterior, em que a redução fônica do auxiliar se acentua com a perda da consoante inicial em todas as pessoas: *oi veni (virei)*.

A construção com o subjuntivo tem como primeira modalidade a forma *o + să + subjuntivo*, em que *o* é uma partícula verbal invariável, *să* é o marcador do subjuntivo e finalmente o verbo no subjuntivo, que carrega a desinência de pessoa. Exemplo: *o să vin (virei)*.

A segunda modalidade consiste na sequência formada pelo presente do auxiliar *a avea* (haver) + *să + subjuntivo*. Neste caso, a pessoa é marcada duplamente, pelo auxiliar e pelo verbo principal. Nas construções com subjuntivo, o clítorio precede imediatamente o subjuntivo: *o să le vizităm* (nós os visitaremos).

Assim como em latim, não há condicional em romeno. Os contextos próprios ao condicional são preenchidos pelas formas do futuro.

2. Instabilidade do futuro

É antiga a constatação de que as formas verbais que exprimem o presente e o pretérito são mais estáveis que as que denotam futuro. Essa diferença provavelmente se prende ao fato de que o semantismo do presente e do pretérito repousa sobre uma factualidade, mas não o do futuro, que remete ao provável ou ao que se toma como certo, mas jamais a fato. Por conseguinte, seu significado tende a espraiar-se, da certeza ao simples desejo, intenção ou compromisso.

No contexto românico, a instabilidade do futuro tem suscitado tentativas de explicação, como a de alguns estudiosos que, centrando-se no plano da forma, formulam a hipótese de uma alternância cíclica entre construções sintéticas e construções analíticas. De fato, já o futuro latino em *-bo*, da primeira e da segunda conjugação, teria sido o estágio último do processo de gramaticalização de uma perífrase, em que o verbo auxiliar se reduziu ao morfema *-bi*. É evidente que uma argumentação com base apenas na forma não pode prosperar. A

substituição de uma forma analítica por forma sintética por efeito de acomodações morfofonológicas pode ser explicada passavelmente com base em considerações meramente formais. No entanto, o mesmo não se dá quando se passa da sintética à analítica. Uma construção sintética, por si, não induz a criação de construções analíticas alternativas. Fosse assim, um paradigma sintético como o pretérito imperfeito deveria estar na origem de variantes analíticas, o que não se verifica nas línguas românicas.

A explicação deve buscar-se na esfera semântica. Aqui se vislumbram ao menos duas alternativas: ou bem são as formas futuras originais que se modalizam e abrem espaço para uma construção alternativa, ou bem é uma construção que perde seu conteúdo originalmente modal e passa a fazer concorrência à construção vigente.

Para Bybee, Pagliuca e Perkins, os tempos verbais futuros seguem todos a mesma evolução. De início exprimem obrigação, vontade ou movimento em direção a um ponto; na sequência todos se tornam intencionais e depois preditivos, antes de evoluírem para a expressão do futuro propriamente dito. Neste ponto, passam a comportar igualmente dois empregos modais: o imperativo (*não matarás*) e o conjectural (*quem será?*).

Suzanne Fleischman propõe que a evolução das formas futuras é regulada pelo equilíbrio entre a temporalidade, a modalidade e, de forma secundária, a aspectualidade. Se uma forma verbal futura se tornar mais modal que temporal, será necessário providenciar nova forma própria a exprimir a temporalidade. Como não se exclui que a nova forma por sua vez também venha a ganhar empregos modais, estariámos diante da hipótese de outra alternância cíclica, entre temporalidade e modalidade.

Gerard Barcelò entende que essa tese tem dois argumentos a seu favor: primeiro, fornece um princípio explicativo coerente; segundo, há casos concretos que poderiam sustentá-la, como é o caso de espanhol, em que o futuro simples é bastante modalizado. No entanto, acaba afastando a proposta de ciclo em vista de contra-exemplos, como a passagem do

futuro sintético latino ao futuro perifrástico românico ou a divergência das línguas neolatinas quanto à expressão e os valores do futuro. Sugere que se coloque em primeiro plano o que Fleischmann tomou como secundário: a aspectualidade, na forma de pertinência ao presente. Ou seja, são as formas retrospectivas com relação ao presente que podem tornar-se novos tempos pretéritos; são as formas prospectivas que acabam convertendo-se em novos tempos futuros.

Referências

- ÁLVAREZ CASTRO, Camino. **Expression du futur e t temps verbal en français et en espagnol**. Faits de Langue 33: p. 59-68.
- AMENTA, Luisa; STRUDSHOLM, Erling. «**Andare a + infinito**» in **italiano**. Parametri di variazione sincronici e diacronici. Cuadernos de Filología Italiana Vol. 9 (2002): 11-29. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/fil/11339527/articulos/CFIT0202110011A.PDF>>. Acesso em: 9 fev. 2011.
- BARCELÒ, Gerard Joan. **Le(s) futur(s) dans les langues romanes: évolution linéaire ou cyclique?** Cahiers Chronos 16: 47-62.
- CAMARA JR., J. Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CAMUSSI-NI. **De la présence du présent dans le futur simple**. Faits de Langue 33: 19-26.
- HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística romântica**. São Paulo: Ática, 1992.

IORDAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. **Manual de linguística românica.** Madrid: Gredos, 1972.

MAURER JR. Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1976.

MOLINU, LUCIA. **Morfologia logudorese.** Atti del convegno L'identità socioculturale della Sardegna nel prossimo millenio. Quartu Sant'Elena, 9-10mai 1997. 127-136. Disponível em: <http://www.sardegnadigitallibrary.it/documenti/17_81_20100115162127.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2011.

NUNES, Rosane. **Evolução cíclica do Futuro do Presente do latim ao português.** Dissertação (Mestrado em Letra) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2003. Disponível em: <http://www.ucpel.tche.br/poslet/dissertacoes/Mestrado/2003/Evolucao_ciclica_do_futuro-Rosane_Nunes.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2011.

OLIVEIRA, Josane M. de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança,** 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/OliveiraJM.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2011.

PIEL, Joseph-Maria. **Estudos de linguística histórica galego-portuguesa.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1989.

ROHLFS, Gerhard. **Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti.** Turim: Einaudi, 1966.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. **A representação do tempo futuro em textos escritos: análise em tempo real e em tempo real de curta duração,** 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TIMOC-BARDY, Romana. **Le futur roumain:** Temps? Modalité? Faits de Langue 33: 139-148

VÄÄNÄNEN, VEIKKO. **Introducción al latín vulgar.** Madrid: Gredos, 1967.

VETTERS, Carl; LIÈRE, Audrey. **Quand une périphrase devient temps verbal:** le cas d'*aller* + infinitif. Faits de Langue 33: p. 27-36.

VIDOS, B. E. **Manual de lingüística românica.** Madrid: Gredos, 1967.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

ZAMORA VICENTE, Alonso. **Dialectología española.** Madrid: Gredos, 1967.